

A igreja da resistência em Recife

Eduardo Hoornaert

Fraco, quase indefeso, "pavor dos militares sediados em Recife", força indomável de um herói (*held*) da resistência à 'revolução de 1964', bispo romano-católico, chamava-se Hélder. Numa reunião, um general sentado ao lado dele decide fumar, não tem fósforo, e o bispo consegue fósforo e acende o cigarro adversário. Recusa celebrar missa pelo segundo aniversário da 'revolução! Vai a Paris, pedem-lhe que fale de tortura no Brasil, aceita e intitula a conferência de "Quaisquer que sejam as conseqüências" (resultado: "Dom Hélder morreu, dissipou-se, sumiu, não existe mais, senão para dar comida aos pobres"). A um seminarista perguntaram se o bispo "carregava uma metralhadora embaixo da batina". Foi vitimado após a visita da "irmã esclerose" em 1999 – chave de ouro do século XX brasileiro.

A injustiça é una e indivisível. Atacá-la e fazê-la recuar, aqui e ali, é sempre fazer avançar a justiça.

(Dom Hélder Câmara)

O golpe militar de março de 1964 surpreendeu a instituição católica no Brasil num momento de fragilidade. Nas eleições para a mesa diretora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a chapa do grupo nordestino que tinha liderado a instituição desde sua fundação em 1952, sob a inspiração de bispos como Hélder Câmara e José Távora, foi inesperadamente derrotada no início do ano 1964 por um grupo liderado pelo bispo Geraldo Proença Sigaud. Esse, já no decorrer do Concílio Geral dos Bispos Católicos em Roma, o assim chamado Vaticano II (1962-1965), organizara uma campanha sistemática contra a liderança emergente de dom Hélder (a quem chamarei aqui também de 'Dom'), por intermédio de uma aliança com o movimento 'Tradição, Família e Propriedade' (TFP), criado em Minas Gerais no ano 1960. Sigaud estava ligado ao bispo suíço Lefebvre, um ultra-reacionário que desafiara as autoridades de Roma logo depois do Vaticano II. O bispo Sigaud ia fundo e, durante quinze anos – até 1975 –, a

TFP fez campanha de rua contra dom Hélder e os 'padres comunistas'. Em 1968, a TFP entregara ao papa Paulo VI, por ocasião da Conferência episcopal latino-americana de Medellín na Colômbia, um abaixo-assinado de um milhão e seiscentas mil assinaturas contrárias aos 'católicos comunistas'. Em julho do mesmo ano, Sigaud enviara uma carta ao presidente Costa e Silva para expressar sua solidariedade com o governo, contra ataques de "alguns bispos brasileiros simpatizantes de Marx e do comunismo". Não é difícil saber quem eram esses bispos. Além de Hélder Câmara e José Távora, atuavam Paulo Evaristo Arns, Antônio Fragoso, José Maria Pires, Valdir Calheiros, Tomás Balduino, Aloísio Lorscheider e outros mais. Mas o líder incontestado do grupo era o Dom. Do outro lado da barricada estavam os bispos alinhados com Sigaud: Castro Mayer, Pereira Venâncio, Bandeira de Mello e o arcebispo de Porto Alegre, José D'Angelo Neto. Seguro de sua força depois do golpe militar, Sigaud chegou a justificar abertamente a tortura no Brasil, dizendo: "Não se extrai confissões de um subversivo, dando-lhe bombons."

Poucos dias depois do golpe, dom Hélder foi nomeado arcebispo em

Recife. Sua chegada coincidiu com o início de meus trabalhos de sacerdote na mesma cidade, onde colaborei com o Dom durante dezoito anos. Conseqüentemente, este artigo é parcialmente um depoimento pessoal, baseado em leituras.

Um das palavras sobre a impressão que guardo do bispo. O momento privilegiado para falar com ele era depois da missa das seis da manhã na Igreja das Fronteiras, no bairro de Boa Vista em Recife. Ele costumava me convidar a tomar café com ele no pequeno apartamento atrás da sacristia, onde morava. Não tomava mais que um gole de café e umas bolachinhas. Aí começava invariavelmente um *one man show*, pois era difícil interromper tanta criatividade em termos de idéias, palavras e gestos. Depois ele me conduzia à grande porta que dava para a rua e aí tratávamos em poucos minutos das questões que eventualmente me tinham levado à sua presença.

Eu percebia que os encontros com o Dom eram invariavelmente obras de arte. Como ninguém, ele entendia a arte de se aproximar das pessoas e de ganhá-las para sua causa, sempre mais identificada, com o correr dos anos, com a causa dos pobres. Foi essa criatividade bem brasileira, aliada a uma inteligência privilegiada, que fez seu renome no decorrer do Vaticano II. De pouco conhecido bispo auxiliar do Rio de Janeiro, o Dom chegou em pouco tempo a impressionar as mais altas au-

toridades da Igreja Católica Romana.¹ Em Roma, ele tinha conseguido laços de amizade com o papa Paulo VI e o cardeal belga Suenens, uma das figuras principais do Vaticano II. Ao mesmo tempo, tinha chamado a atenção dos principais teólogos do Concílio, como Congar, Küng, Schillebeeckx e Chenu. Iniciou também uma durável colaboração com o sacerdote e sociólogo François Houtart. Mais tarde, travou amizade com Roger Garaudy, na época secretário do partido comunista francês. Garaudy chegou a declarar que seu primeiro encontro com dom Hélder foi *o momento mais importante* de sua vida, conforme consta num livro publicado por ocasião dos noventa anos do bispo.

O bispo de Recife era pois um artista nato, mestre em relações humanas. Um diplomata que intimidava os inveterados diplomatas do Vaticano. Hélder Câmara 'enchia' qualquer espaço onde entrava com seu corpo frágil e minúsculo, enquanto seus olhos vivos, suas palavras e gestos ágeis transformavam tudo em seu redor em pura arte. Tanto o gabinete de trabalho de Paulo VI como o pequeno aposento ao lado da 'Igreja das Fronteiras' em Recife recebiam cor e vida pela simples presença dessa figura excepcional.

Eu já escrevi que um encontro com dom Hélder era sempre um *happening*. Até o fim da vida o arcebispo de Recife permanecia um 'sedutor' magis-

Estou convencido de que a religião necessita de artistas verdadeiros, não de fantoches. Artistas do corpo, livres das conveniências, praticantes da palavra direta e sincera, em meio aos meandros da diplomacia

tral, um artista em *public relations*. Sua aparência, sem qualquer realce, crescia aos nossos olhos na medida em que ele tomava a palavra. Ele espalhava em torno de si um sentimento de simpatia com cumplicidade, uma mistura de respeito e 'conjuração'. Era reconfortante caminhar ao lado dele, sentir-se unido ao seu modo de pensar e agir. Em todo lugar, dom Hélder estava na posição central, tranqüilo e absolutamente mestre da situação, fosse na sala de recepção de um papa ou numa casinha na periferia de Recife. Ele andava com a mesma naturalidade pelos corredores do Vaticano e pelos becos de Recife. As pessoas nele reconheciam o melhor de si mesmas e o saudavam por onde ele passava, a tal ponto que o cardeal Suenens, com ele de visita a um bairro de Recife, suspirou: "Ah! Se fosse assim em Bruxelas!" Essa paz interior fez com que Hélder estivesse a qualquer momento pronto a conquistar pessoas para as suas idéias e planos.

Estou convencido de que a religião necessita de artistas verdadeiros, não de fantoches. Artistas do corpo, livres das conveniências, praticantes da palavra direta e sincera, em meio aos meandros da diplomacia. Artistas do



gesto inesperado, na mais fiel simplicidade, em meio às formalidades e mentiras publicitárias. A vida de dom Hélder mostra o que pode ser um religioso de país periférico, explorado pelos grandes, abrindo espaços no dribble e na astúcia. *Quem não é o maior tem de ser o melhor.*

Dom Hélder aprendeu essa arte na dura sorte, como ele mesmo me confidenciou contando a seguinte história. Quando foi bispo auxiliar do Rio de Janeiro, recebeu certo dia a visita de um barão italiano no palácio episcopal. O homem pedia hospedagem, dizendo-se enviado da Santa Sé para comprar terras na Amazônia. O Dom telefonou para a nunciatura e recebeu de chofre a seguinte resposta: *Que ele seja barão não sabemos. O que sabemos é que vem comprar terras para a Santa Sé. Bondade hospedá-lo.* Dessa e de outras experiências com a cúpula da igreja católica, dom Hélder aprendeu penosamente a perder algo de sua

ingenuidade em relação à igreja. Mesmo assim, continuou a ser muito vulnerável diante de qualquer crítica proveniente de Roma, como aponto em seguida.

Hélder Câmara apareceu em Recife num cenário bastante tradicionalista. Por longos anos, dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, um conservador, tinha governado a arquidiocese. Nos vinte anos em que governou a igreja católica local (entre 1964 e 1984), dom Hélder teve de lidar com um governo militar autoritário, especificamente com os militares de alta patente do IV Exército, sediado em Recife. Mas veio disposto. Duas instituições, particularmente, teriam dificuldades em lidar com ele: o exército e a igreja. Isso ficou claro no discurso de chegada, no qual ele não citou autoridades militares nem eclesásticas, mas afirmou: *No Nordeste, Cristo se chama Zé, Antônio, Severino.* O termo Nordeste, na boca de dom Hélder,

evocava fome e falta de educação. Temas tratados por Josué de Castro e Paulo Freire. A criação da Sudene, em 1958, pelo presidente Juscelino Kubitschek, era uma iniciativa de dom Hélder apresentada à CNBB e endossada pelos bispos.

Iniciou-se aí um período, mais ou menos entre 1964 e 1970, de escaramuças entre a igreja resistente do Nordeste e os generais e outras autoridades militares em Recife. O governo central da República tinha o máximo cuidado em indicar para o Quarto Exército – sediado em Recife – um general dotado de habilidade diplomática, pois o Dom se mostrava capaz de fragilizar a imagem de um general por meio de um gesto leve, uma palavra inesperada. Lembro-me ainda do episódio do fósforo. Era numa daquelas cerimônias oficiais enfadonhas com discurso interminável. O general, sentado ao lado do Dom, inventa de fumar um cigarro, mas falta-lhe o fósforo. Prontamente, o Dom solicita à sua esquerda o dito instrumento. Acende-o e o oferece ao inimigo jurado, cuidadosamente, com muita cerimônia. Cena impagável. Há outras histórias com militares, de uma delas lembro-me vivamente. Foi nos primeiros dias da "revolução", quando o temido coronel Ibiapina veio ao palácio dos Manguinhos (onde o bispo ainda morava) à procura de um estudante que estava escondido na residência do bispo. Esse

só lhe disse uma frase: *Se a coisa virar, você também pode vir!* O coronel atrapalhou-se todo e saiu depressa.

As relações ficaram mais tensas em 1966, quando o general Muricy, católico convicto e amigo do Dom, lhe pediu de celebrar uma missa por ocasião do segundo aniversário da revolução. Com jeito, o bispo recusou-se e aí se instalou uma escaramuça entre ambos os poderes que duraria anos, sempre por ocasião da dita missa da revolução. O general rompeu com dom Hélder, mas o presidente da república, temeroso de criar um conflito entre igreja e estado, afastou-o de Recife. O Dom saiu fortalecido do episódio e transformou-se no pavor dos militares sediados em Recife.

Em 1966, na estação das chuvas abundantes, o rio Capibaribe transbordou e revelou a todos a falta de infraestrutura para as populações ribeirinhas numa cidade que, séculos antes, fora construída por comerciantes holandeses nas ribeiras de dois rios, ao nível do mar. Os holandeses fizeram aterros, os governos subseqüentes não. Além disso, a cidade crescera rapidamente. Entre 1950 e 1960, Recife aumentou sua população de 524 mil a 788 mil. Dom Hélder foi o mais rápido a responder ao desafio do momento por meio de duas respostas: a 'Operação Esperança' e o Conselho de Moradores. A primeira angariava doativos em material de construção e o encaminhava às paróquias, onde os

Nos primeiríssimos dias da 'revolução', o temido coronel Ibiapina veio ao palácio dos Manguinhos à procura de um estudante que estava escondido na residência do bispo. Esse só lhe disse uma frase: *Se a coisa virar, você também pode vir!*

conselhos de moradores os distribuíam. A população dos bairros atingidos nunca esqueceu a reação concreta e rápida do bispo diante do problema.

O nome do Dom crescia no Brasil inteiro e, aos poucos, nas palavras de José Comblin, *Recife foi se tornando o refúgio e santuário desde onde se preparou a resistência e a luta da igreja contra o novo sistema (militar)*.² Duas únicas vozes nunca ficaram caladas e continuavam a ser ouvidas no país pela imprensa e pelo rádio: Alceu Amoroso Lima e dom Hélder. Temido pelos que detinham o poder, o bispo era no período militar uma força para muitos. Enquanto isso, cronistas como Nelson Rodrigues, que recebia amplo espaço para escrever suas Crônicas em *O Globo* do Rio de Janeiro, divulgavam incansavelmente a imagem de um dom Hélder demagogo, vaidoso, vazio por dentro, sem fé nem religião, hipócrita.

Em 1968, o Seminário regional do Nordeste, planejado pelo antecessor de dom Hélder para 'abastecer' toda a região em termos de sacerdotes católicos e pomposamente construído em Camaragibe, a uns dez quilômetros da capital, foi abandonado por decisão

dos próprios seminaristas. Eles preferiram ir morar no meio do povo em bairros periféricos da cidade de Olinda. No mesmo ano, o arcebispo criou habilmente o Instituto de Teologia de Recife (Iter), desvinculado do seminário, antecipando uma crítica da burocracia eclesiástica. Com seu prestígio em Roma, ele conseguiu que o Vaticano concordasse com essa e outras ousadias em termos de formação sacerdotal. O lema era: *Sacerdotes novos para um novo Nordeste*.

O clima era de entusiasmo e muitas pessoas começaram a comparar dom Hélder a Gandhi e a Martin Luther King, sobretudo depois do lançamento da 'Pressão Moral Libertadora' (1968), um movimento inspirado nas idéias de não-violência ativa de Gandhi e que, na sua inauguração, reunia um grande número de pessoas no pátio do colégio das Irmãs Dorotéias, apesar do forte aparato policial. Durante anos foram realizados sucessivos atos públicos promovidos pela 'Pressão Moral Libertadora', sempre em recintos privados (pátios de colégios católicos ou de igrejas), e sempre assistidos por muita gente disposta a enfrentar cordões de policiamento. Mas esse movimento, como alguns outros promovidos por dom Hélder, não tinha raízes na história do povo e não vingou. Uma coisa é certa: por onde aparecesse, dom Hélder roubava a cena. Pude presenciar como Chico Buarque ficou meio atordoado com os

Por onde aparecesse,
dom Hélder roubava a cena.
Chico Buarque ficou meio
atordoado com os aplausos
de dois longos minutos no
Ginásio de Esportes de
Recife, em plena época de
repressão militar, depois de
anunciar que o Dom
estava na platéia

aplausos de dois longos minutos no Ginásio de Esportes de Recife, em plena época de repressão militar, depois de anunciar que o Dom estava na platéia.

Criou-se, na Semana Santa de 1969, outro movimento importante: o 'Encontro de Irmãos'. Ele foi uma das principais matrizes das Comunidades de Base no Brasil. Funcionou treze anos e cumpriu sua finalidade: formar monitores e animadores para pequenos grupos de evangelização atuantes nos bairros pobres da cidade. A fórmula era simples: as pessoas se reuniam para ouvir pela Rádio Olinda programas diários sobre a Bíblia. Depois discutiam entre si o que tinham entendido ou, simplesmente, falavam o que desejavam dizer em torno do programa radiofônico. A força desse movimento aparecia cada ano na festa de Pentecostes, quando, em média, dez mil pessoas caminhavam a noite toda em direção à igreja dos Guararapes.

No dia 27 de maio de 1969, aconteceu o fato mais traumatizante de todos esses anos: o assassinato, até hoje não devidamente esclarecido, do padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto. Nascido em 18 de outubro de 1940, em Recife, um dos primeiros sacerdotes a serem ordenados por dom Hélder (em 25 de dezembro de 1965), padre Henrique era coordenador da Pastoral da Juventude. Sua morte foi anunciada por meio de ameaças telefônicas, como aconteceu com outros colaboradores do bispo.³ Sus-

peita-se a ingerência da Agência americana de Inteligência (CIA) naquele crime, mas não se tem certeza, pois as autoridades brasileiras não procederam a uma investigação profunda sobre o que aconteceu naqueles 'anos de chumbo'. O impacto do assassinato do padre Henrique continua vivo, até hoje, em Recife.

A morte de um colaborador tão próximo fez com que dom Hélder fosse percebendo que não bastava fazer escaramuças com o poder militar. Chegara o tempo de se atacar de frente a violência instalada nas instituições do País, precisamente a tortura e o crime como métodos de intimidação e consolidação do poder militar. O momento propício chegou no ano seguinte, quando ele recebeu um convite de grupos cristãos, para falar, em Paris, sobre "A Responsabilidade da França diante da Revolução". A idéia era mostrar a atualidade dos ideais de "fraternidade, igualdade, liberdade", lançados por ocasião da Revolução Francesa de 1789.

Dom Hélder chegou a Paris no dia 25 de maio de 1970, pois sua conferência foi marcada para o dia seguinte. Os organizadores tinham alugado

uma sala com capacidade para mil e quinhentas pessoas, mas logo ficou claro que era preciso pensar num auditório bem maior. Naquele tempo, muitos exilados latino-americanos viviam em Paris e estavam desejosos de ouvir o bispo falar sobre a repressão política no Brasil. Reservou-se então o Palácio dos Esportes, com capacidade para dez mil pessoas. Percebendo a expectativa do público, o cardeal francês Marty convidou vinte e cinco pessoas para discutir com o Dom a conveniência de se mudar o tema da conferência e de se abordar diretamente um assunto explosivo: "A tortura e a criminalidade oficial no Brasil." De início, o Dom argumentou que ele nunca tinha falado do assunto fora do Brasil e que não era sua intenção denegrir a imagem de seu país, mas finalmente ele cedeu. Modificou às pressas o tema de sua conferência e lhe deu um título altamente significativo: "Quaisquer que sejam as Conseqüências". Diante do que acontecera com o padre Henrique e diante das constantes ameaças recebidas por ele e seus colaboradores, sabia perfeitamente que uma conseqüência da abordagem desse assunto *tabu* diante de uma platéia internacional poderia ser sua própria morte. Nos seus escritos do momento, não há dúvida disso. Mesmo assim, o bispo falou. O público, avaliado em vinte mil pessoas, aplaudia a cada momento, pois todos sentiam a importância do momento. Dom Hélder contou

A TV Globo interrompeu a novela "Irmãos Coragem" para deixar o repórter Amaral Neto demonstrar ao público do país inteiro, numa montagem fotográfica, como dom Hélder 'inventava' tortura no Brasil, confundindo-a com treinamento militar

então em detalhes dois casos de tortura que ele conhecia: o de Luís Medeiros de Oliveira, que se jogou de uma das janelas da prisão depois de ser torturado, e o de Tito de Alencar, irmão dominicano, que cortou os punhos depois de ser torturado pelo delegado Fleury (Tito acabaria se suicidando, mais tarde, na França).

Quando o bispo voltou ao Brasil, foi a tempestade. Os grandes meios de comunicação, *O Globo*, *TV Globo*, *O Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro*, *O Estado de São Paulo*, *a Cadeia Associada de TV*, todos se uniram para encontrar substantivos e adjetivos adequados para qualificar o bispo de Recife. Intelectuais de renome como Gustavo Corção, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Daniel Nasser e Salomão Jorge se uniram à ladainha e não se conformaram em cantar com vozes menos fortes a execração do bispo vermeelho de Recife. No dia 24 de agosto de 1970, a *TV Globo* interrompeu a novela "Irmãos Coragem" para deixar o repórter Amaral Neto demonstrar ao público do país inteiro, numa montagem fotográfica, como dom Hélder 'inventava' tortura no Brasil, confundindo-a com treinamento militar. E, em setembro do mesmo ano, exatos quatro meses após o episódio de Paris, apareceu o veredicto definitivo: ninguém fala mais em dom Hélder, nem a favor nem contra. Dom Hélder morreu, dissipou-se, sumiu, não existe mais, senão para dar comida aos pobres.

Quando dou comida aos pobres, chamam-me de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista.

Acontece que dom Hélder continuou existindo. Mas antes que eu conte isso, tenho de relatar aqui algo que senti nele na época: ele sofreu mais da reação do Vaticano diante do sucesso de suas viagens ao exterior do que de toda a repressão montada pelo governo brasileiro. O bispo sempre se considerou amigo pessoal do papa Paulo VI, mas as mensagens que após 1970 lhe chegaram de Roma o deixaram no mais profundo abatimento. Qual, afinal, o verdadeiro rosto do papa? De repente, chegaram cartas de Roma, solicitando que o Dom descrevesse os mínimos detalhes de suas viagens e sempre pedisse licença ao bispo local para falar. O bispo percebeu com horror que, em Roma, era considerado 'rival' do papa, por causa do entusiasmo com que era recebido em toda parte. Foi-lhe também dado a entender que ninguém era qualificado para falar em nome da igreja, a não ser o Vaticano. Esse homem, psicologicamente muito ligado à igreja, sofreu muito dessa desqualificação dissimulada. Ele con-

fidenciou: *Quando tenho a impressão que Roma não me entende ou não me apóia, sinto a terra faltar debaixo dos pés.* Por vezes uma carta de Roma chegava a provocar nele um mal-estar físico, a ponto de ser necessário chamar o médico. Dom Hélder descobriu tarde demais, ou talvez nunca descobriu, que ele entendia a igreja de outra maneira que os homens de Roma.

Se não estou enganado, nós, homens da igreja, deveríamos realizar dentro dela aquelas mudanças que exigimos da sociedade.

Para ele, igreja era simplesmente serviço ao mundo. O sonho de uma igreja aberta ao mundo o acompanhou até o fim. Ele não compreendia, por exemplo, que o papa Paulo VI não desejasse de modo algum tomar posição a seu favor e preferisse, afinal de contas, o *status quo* a um posicionamento corajoso a favor de uma 'outra' igreja. Isso exigiria um enorme esforço com fundamentais questionamentos sobre dogmática, moral, leis eclesiais e sobretudo mentalidade clerical enraizada desde séculos. Quando, a partir de 1984, seu sucessor em Recife desmantelou aos poucos tudo o que ele tinha construído ao longo de vinte anos, dom Hélder ficou silencioso. Não questionou o afastamento de sacerdotes alinhados ao seu modo de trabalhar, nada disse acerca do fechamento do Iter, um episódio escandaloso. Para um homem que se tinha livrado do princípio absoluto da autori-



dade com a ajuda de Jacques Maritain (o humanismo integral); que aprendeu a entender melhor a relação entre economia e humanismo com o padre Lebrét e a compreender que é o pobre, afinal, que vai libertar o pobre, com a ajuda de Paulo Freire; para um homem que em idade avançada procurou entender melhor o pensamento de Marx, esse silêncio pode parecer paradoxal. Mas dom Hélder era um sacerdote católico de seu tempo. Acima de todas as evidências em contrário, ele manteve até o fim uma imagem sublime e idílica da igreja.

Eu escrevi acima que, apesar das tempestades desencadeadas contra ele em 1970, dom Hélder continuava 'existindo'. O ano 1973 foi particularmente significativo nesse sentido. Com o dinheiro recebido por ocasião da outorga de dois "Prêmios populares da Paz" (prêmios alternativos do Prêmio Nobel), uma em Oslo e outra em Frankfurt, além de outro dinheiro proveniente de suas viagens, ele comprou três engenhos de cana de açúcar

na zona da mata pernambucana e iniciou aí uma experiência de reforma agrária baseada na tradição indígena do mutirão. Ele quis, com isso, compartilhar a esperança dos pobres.

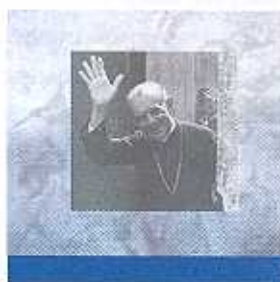
Não é aos pobres que cabe partilhar minha esperança: Antes, é a mim que cabe partilhar a deles.

No dia seis de maio de 1973 foi divulgado, em Recife, um documento intitulado "Eu ouvi os clamores de meu povo", em nome de um grupo expressivo de dezoito assinantes, entre bispos e superiores religiosos do Nordeste: sete de Pernambuco, cinco do Maranhão, respectivamente um do Ceará, da Paraíba e de Sergipe, além do abade beneditino e do vice-provincial dos jesuítas na Bahia. O texto desenvolvia uma reflexão bíblico-sociológica acerca da pobreza nordestina e investia diretamente contra duas idéias caras à 'revolução': a 'segurança nacional' e o 'milagre brasileiro'. A publicação desse documento em pleno período de ânimos exaltados era um ato de coragem. Diversos bispos e superiores religiosos experimentaram mais tarde as conseqüências de seu alinhamento público à 'igreja da resistência'.

Em Recife, o resultado apareceu no segundo semestre do mesmo ano por meio de uma onda de seqüestros de colaboradores leigos do bispo. Antônio Bezerra e Antônio Vieira, ambos educadores ativos nos engenhos comprados pelo Dom, foram sumariamen-

te apanhados nas suas residências, interrogados sobre guerrilha, torturados e depois, sem mais nem menos, soltos. Nunca se abriu um processo formal contra eles. O mesmo aconteceu com João Francisco da Silva, educador dedicado ao "Encontro de Irmãos".⁴ Ele foi interrogado sobre Ação Popular e armas pretensamente escondidas nas casas de líderes das comunidades de base. No dia 29 de agosto, era a vez de Severino Vicente da Silva, estudante em teologia no Iter, que ficou escondido nas dependências do próprio exército até o dia 28 de outubro, dentro do prazo de dois meses estipulado pelas 'leis de exceção' para que alguém fosse interrogado. Severino teve que responder a perguntas sobre a vida privada de dom Hélder (e se ele efetivamente carregava uma metralhadora em baixo da batina), igreja, teologia e socialismo. Perguntaram-lhe se os engenhos comprados pelo bispo treinavam guerrilheiros e escondiam armas. Com isso instalou-se entre a 'igreja da resistência' e o exército uma pesada guerra de nervos que perdurou até dezembro, quando, de repente, tudo voltou ao normal. Não se encontrou nada de consistente. Os autores desses empreendimentos sentiam-se tão seguros que simplesmente mandavam soltar as pessoas numa rua qualquer da cidade, sem qualquer explicação. Esses episódios nunca foram devidamente esclarecidos, até hoje não consta nada de oficial sobre esses seqüestros realizados

Foi enterrado sob a bandeira do movimento dos Sem Terra. Houve quem dissesse que isso não convinha, pois ele não atuava diretamente no movimento. Mas a idéia dos sem terra, sem teto, sem dinheiro e sem voz era a idéia central de quem acreditava que a igreja é voz dos sem voz, minoria abraâmica, sonho de um mundo melhor



em nome da própria nação. Nada sobre o envolvimento direto do exército nesse tipo de crimes. Até hoje não se contesta juridicamente a legitimidade das leis de exceção vigentes naquele período, e que permitiam tais abusos contra cidadãos brasileiros. Para dizer mais, quarenta anos após o golpe de 1964, a sociedade nacional não parece interessada em pagar o tributo da restituição moral que essas pessoas, injustamente prejudicadas em nome da instituição pública, merecem.

Os primeiros sinais de uma abertura 'lenta e progressiva' se fizeram sentir em 1977. Dom Hélder pôde organizar com tranqüilidade a Comissão Justiça e Paz, que tratou de forma mais consistente da defesa dos presos. Pude perceber que o bispo estava mais relaxado. Em 1980, num dos mencionados cafés-da-manhã, ele me contou com entusiasmo que fora convidado a redigir o texto da *Sinfonia dos Dois Mundos*, composta por um sacerdote suíço. Ao redigir o texto, ele percebeu, a certa altura, que Deus estava indeciso se criaria o homem dotado de liberdade. Poderia dar no melhor ou no pior e, de qualquer modo, haveria muitos problemas. Foi o momento em que o Dom resolveu dar um conselho ao próprio Deus: *Créez, Seigneur!* (Pode criar, Senhor!).⁵ O que se pode imaginar de expressão maior de liberdade e criatividade do que dar conselhos ao próprio Deus? Eis dom Hélder na sua identidade peculiar, na sua

originalidade inimitável. O mesmo na 'Missa dos Quilombos', em 1982, quando ele subiu ao palco e simplesmente dizia *Mariama!* (Maria dos negros). Os aplausos não terminavam na frente da igreja dos carmelitas em Recife e um *frisson* percorria a multidão. Dom Hélder, realmente, era ímpar.

Após seu retiro, em 1984, a "irmã esclerose" (como ele dizia) tomou gradativamente conta dele. Foi desaparecendo aos poucos o querido bispo de Recife. Em 1999, ele foi enterrado sob a bandeira do movimento dos Sem-Terra (MST). Houve quem dissesse que isso não convinha, pois ele não atuava diretamente no movimento. Mas a idéia dos sem-terra, sem-teto, sem-

dinheiro e sem-voz era a idéia central de um homem que escreveu: *A propriedade privada é o maior dogma para nossos bons cristãos*. Para ele, a igreja é voz dos sem-voz, minoria abraâmica, sonho de um mundo melhor. O homem que nem ganhou o Prêmio Nobel da Paz nem foi nomeado cardeal, entrou na história. Uma coisa parece certa: há um fio lógico que percorre essa vida, da infância à mais alta velhice. ■

NOTAS

- 1 Escreve José Oscar Beozzo: 'Os quatro anos do Concílio Vaticano II (1962 a 1965) transformaram o relativamente pouco conhecido bispo auxiliar do Rio de Janeiro num dos personagens mais influentes na cena internacional da igreja católica'. Veja Beozzo, J-O, Dom Hélder Câmara e o Concílio Vaticano II, em: Rocha, Z. (org.), Helder, o Dom., Vozes, Petrópolis, 1999, 103.
- 2 Comblin, J., Dom Hélder e o novo Modelo episcopal do Vaticano II, em: Patrick, B., Dom Hélder, Pastor e Profeta, Paulinas, São Paulo, 1988, 37.
- 3 Certa noite, na antiga residência dos bispos em Olinda, onde moravam os professores do Iter, atendi ao telefone e uma voz feminina disse: *Bala dura em pedra mole tanto bate até que fura*. Desligou-se abruptamente a comunicação. Nossa casa colonial era de pedra 'mole', retirada de Recife olindense.
- 4 Uma primeira parte dos escritos de dom Hélder Câmara será publicada proximoamente, com lançamento previsto em Recife para agosto 2004.
- 5 A *Sinfonia dos Dois Mundos* foi redigida em francês e diversas vezes executada na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá. Há uma foto em Zildo, op. cit. 76.

Eduardo Hoornaert, historiador e autor do livro 'Hermas no Topo do Mundo', Paulus, São Paulo, 2002.